**Inventário fatorial de personalidade - IFP II: Relato de experiência referente à aplicação na graduação de Psicologia**

socepis1@gmail.com Sociedade Cearense de Pesquisa e Inovações em Saúde

**Mirlly de Souza Ferreira 1, Ghyslândia Nascimento Oliveira 2, André Sousa Rocha 3**

1 Graduanda em Psicologia - Universidade Federal do Ceará (mirllydesouzaf@gmail.com)

2 Graduanda em Psicologia - Faculdade Luciano Feijão

3 Mestrando em Psicologia Universidade São Francisco (Orientador)

**Resumo:**

**Introdução**: Os testes psicológicos são instrumentos em que o uso, zelo, manejo, obtenção e a posse são exclusivos do psicólogo. Por definição, os testes psicológicos são instrumentos de avaliação ou mensuração de características psicológicas constituídos de técnicas de uso e aplicação privativas do psicólogo. **Objetivo**: Sabendo disso, este trabalho apresenta um relato de experiência acerca de uma atividade prática presente na grade curricular de um curso de graduação em psicologia, especificamente da disciplina de Avaliação Psicológica. **Métodos**: Participou do momento uma discente voluntária de 22 anos. A aplicação ocorreu nas dependências da instituição de ensino das discentes responsáveis pela aplicação. O instrumento utilizado foi o Inventário Fatorial de Personalidade II (IFP - II). No primeiro momento, apresentou-se os objetivos da aplicação bem como o caráter sigiloso das informações obtidas. A participante recebeu todas as informações necessárias para responder ao instrumento e o fez em aproximadamente 25 minutos. **Resultados:** A partir dos escores obtidos foi possível concluir que a participante demonstrou baixos desejos e sentimentos de piedade, expressa baixo desejo de admirar e elogiar um superior. **Conclu:são:** Por fim, durante a aplicação do teste IFP II, percebeu-se a importância da prática acadêmica para o futuro profissional, como também a responsabilidade e os cuidados que a avaliação psicológica exige. As potencialidades e limitações do trabalho são discutidas ao final.

**Palavras-chave/Descritores:** Psicologia. Avaliação Psicológica. Relato de Experiência.

**Área Temática:** Temas livres

**1 INTRODUÇÃO**

Os testes psicológicos são instrumentos em que o uso, zelo, manejo, obtenção e a posse são exclusivos do psicólogo. Por definição, os testes psicológicos são instrumentos de avaliação ou mensuração de características psicológicas constituídos de técnicas de uso e aplicação privativas do psicólogo, em consonância do que dispõe o § 1º do Art. 13 da Lei nº 4.119/1962 que reconhece e regulamenta a profissão de psicologia no país. Legalmente, para que sejam considerados testes psicológicos favoráveis em condição de uso, os instrumentos devem atender aos requisitos técnicos e científicos dispostos na resolução do Conselho Federal de Psicologia nº 02 de 2003 que Define e regulamenta o uso, a elaboração e a comercialização de testes psicológicos e revoga a Resolução CFP nº 025/2001  (Resolução Conselho Federal de Psicologia, nº 02 de 2003). Por fim, entende-se que esses instrumentos podem integrar uma etapa do processo mais amplo intitulado avaliação psicológica e enriquecer a coleta de dados de informações, subsidiando na tomada de decisão (Andrade & Valentini, 2018).

Por sua vez, a avaliação psicológica é uma atividade profissional que determina forte fundamento teórico, mas que se concretiza na prática. É considerada como um processo técnico - científico, limitado no tempo que objetiva a coletar, analisar, integrar e interpretar dados e, assim, compõe um passo do trabalho do psicólogo. Ela pode ser constituída nos mais diversos campos de aplicação das informações da profissão (e g. social, organizacional e clínica) e ligada a diversas correntes epistemológicas (e g. análise do comportamento e teoria cognitiva-comportamental).

A avaliação da personalidade é apresentada como uma das mais importantes dentro da avaliação psicológica e tem como alvo avaliar alguns outros atributos, como sentimentos emocionais, interpessoais, motivacionais e de atitudes e avaliar como as pessoas tendem a se comportar em diferentes situações (Anastasi e Urbina 2000).

Por isso, nesse tipo de instrumento é solicitada uma expertise clínica e conhecimento aprofundado em psicopatologia. A depender da formação do profissional e do seu tempo de atuação, as interpretações, quando comparadas entre dois profissionais, podem ser totalmente discrepantes levando a crítica do arbitrário e interpretacionismo. Para esse tipo de tarefa não há tarefas certas ou erradas. Por exemplo,  no desenho da Casa, Árvore e Pessoa (HTP), não há um modelo padrão de desenho para cada figura  (Pasquali, 2001).

 Com base nisso, o Inventário Fatorial de Personalidade II (IFP II) representa um instrumento psicológico fruto das periódicas atualizações dos estudos psicométricos (validade e precisão/fidedignidade) e normas do Inventário Fatorial de Personalidade.  Dessa maneira, tem por objetivo traçar o perfil de personalidade do indivíduo, com base em treze necessidades, são elas: Assistência, Intracepção, Afago, Autonomia, Deferência, Afiliação, Dominância, Desempenho, Exibição, Agressão, Ordem, Persistência e Mudança. Além disso, avalia também os fatores de segunda ordem: Necessidades afetivas; Necessidades de organização; e Necessidade de controle e oposição. A faixa etária do público são pessoas entre 14 e 85 anos, de ambos os sexos.

Atualmente, esse instrumento está com parecer favorável no Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI) e, portanto, pode ser comercializado e utilizado. Corroborando com o que foi mencionado acima, quanto a classificação dos testes psicológicos, o IFP II é um teste objetivo, que segue uma padronização em sua administração, correção, análise e interpretação. A partir do escore obtido (pontuação), o participante em estudo poderá ser comparado com outros sujeitos que já foram estudados (amostra normativa) desde que sejam respeitadas a faixa-etária, escolaridade, região do país, ou demais especificidades conforme as normas que foram construídas para aquele instrumento e que estão disponíveis no manual.

 Com apoio no que foi apresentado, este trabalho apresenta um relato de experiência acerca de uma atividade prática presente na grade curricular de um curso de graduação em psicologia, especificamente da disciplina de Avaliação Psicológica. Trata-se da aplicação de um teste psicológico em uma participante voluntária tendo como objetivo ampliar a aprendizagem de alunos graduandos de psicologia a respeito do processo de avaliação psicológica durante a aplicação do teste Inventário Fatorial de Personalidade (IFP II).

**2 METODOLOGIA**

 O trabalho contou com a participação de uma pessoa voluntária, do sexo feminino com 22 anos de idade. No contato inicial, foi explicado o objetivo da aplicação do instrumento além da ressalva de que todas as informações obtidas naquele momento seriam resguardada e sigilosas e que os resultados gerais poderiam ser explanados em eventos científicos. Após a participante concordar em participar, aplicou-se uma anamnese, que consiste em uma entrevista para recolher informações do paciente para compor as hipóteses do diagnóstico.

       Após a aplicação da anamnese, ocorreu a administração do instrumento. Esse momento transcorreu individualmente uma sala adequada, com ventilação, boa iluminação e silêncio para que nada interferisse em seus resultados, de modo a garantir a padronização. Todas as instruções foram rigorosamente seguidas de acordo com o manual do IFP II. Finalizada esta parte, foi utilizado um manual, um caderno de exercícios, uma folha de respostas, um protocolo de operação manual (descartável) referentes ao teste Inventário Fatorial de Personalidade. A participante levou 25 minutos para preencher o caderno de exercício.

**3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

 Durante o teste a participante se manteve tranquila e atenta ao ler e marcar suas respostas, não demonstrou dúvidas durante a aplicação. A partir dos escores obtidos foi possível concluir que a participante evidenciou baixos desejos e sentimentos de piedade, além de expressar baixo desejo de admirar e elogiar um superior. Além disso, a participante expressa baixo sentimentos de autoconfiança e desejo de controlar os outros, ela também mostrou ser insuficiente a sua busca por objetivos pessoais, profissionais e acadêmicos, não se acha com tanta capacidade, não gosta de impressionar as pessoas, não é detalhista, não se dedica muito aos seus objetivos, não apresenta nível de exigência pessoal, não tem medo de expressar sua opinião, se prende muito ao que é rotineiro e fixo, não gosta de novidade, dispensa aventuras, não gosta de coisas novas como, comida e lugares, não gosta de desafios. Tende a deixar-se conduzir por fantasias, sentimentos, imaginação, é observadora e procura entender os motivos tanto dos próprios comportamentos quando dos demais.

        Além do mais, caracteriza-se com a necessidade de superar com vigor, raiva e irritação a oposição. Tende a ser nervosa e com grandes variações de humor, tende a ser insegura e com baixa autoestima. E por último, não gosta de executar tarefas impostas pelas autoridades, pois gosta de agir impossivelmente quando sente algum desconforto psicológico.

**4** **CONCLUSÃO**

 Durante a aplicação do teste IFP II, percebeu-se a importância da prática acadêmica para o futuro profissional, como também a responsabilidade e os cuidados que a avaliação psicológica exige, desde um ambiente propício para a realização dele como também a importância dos princípios éticos que o profissional deve carregar consigo.

Conclui-se que a participante avaliada no momento, a partir das implicações apresentadas no teste, apresenta baixos desejos e sentimentos de piedade, expressa baixo desejo de admirar e elogiar um superior, expressa baixo sentimentos de autoconfiança, não se dedica muito aos seus objetivos, não gosta de novidade, dispensa aventuras, se caracteriza com a necessidade de superar com vigor, raiva e irritação, é nervoso e com grandes variações de humor, tende a ser inseguro e com baixa autoestima.

Diante da potência de informações que o IFP II oferece, algumas limitações precisam ser reconhecidas. Dentro do processo de avaliação psicológica, esse instrumento não é autossuficiente. Em outras palavras, as informações fornecidas por ele não são capaz de sozinho subsidiar a tomada de decisões, sendo necessário a integração com outros métodos, técnicas e instrumentos baseados na ciência psicológica ou em outras desde que não fira os preceitos do Código de Ética do Psicólogo e a justiça e proteção dos direitos humanos que devem ser respeitados do ínicio ao fim (Andrade & Valentini, 2018).

Conclui-se, portanto, diante do que foi exposto, que o contato com a prática permite um novo olhar sobre a avaliação psicológica enquanto estudantes, e a reconhecer esse processo como dinâmico, processual e transversal dentro da psicologia. Adicionalmente, percebeu-se também a importância de um saber teórico e ético diante de pessoas e de histórias.

**5 REFERÊNCIA**

ANDRADE, J. M; VALENTINI, F. **Diretrizes para a Construção de Testes Psicológicos: a Resolução CFP n° 009/2018 em Destaque.** Psicol. cienc. prof.,  Brasília v. 38, n. spe, p. 28-39,    2018. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1414-98932018000400028&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 2 de jun  2020

Anastasi, A. & Urbina, S. (2000). **Testagem Psicológica.** Porto Alegre: Artes Médicas.

Conselho Federal de Psicologia (CFP). (2009). Resolução CFP 007/2009. Brasília, D.F. Disponível em <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2009/08/resolucao2009_07.pdf> Acesso em 12 de jul 2020

Conselho Federal de Psicologia. (2003). *Resolução CFP nº 002/2003.* Define e regulamenta o uso, a elaboração e a comercialização de testes psicológicos e revoga a Resolução CFP n. 025/2001. Disponível em http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2003/03/resolucao2003\_02\_Anexo.pdf. Acesso em 10 de jul 2020.

Conselho Federal de Psicologia (CFP). (2010). In M. C. Ferreira & A. A. A. Santos, Avaliação Psicológica: Diretrizes na Regulamentação da Profissão. Brasília: CFP

HUTZ, C. S.; NUNES, C. H. S. S. **Escala Fatorial de Neuroticismo.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

PASQUALI, L (Org.) Técnicas de exame psicológico – TEP. Manual. Vol. I: Fundamentos das técnicas psicológicas. São Paulo: Casa do Psicólogo / CFP, 2001